no mercado interno é um outro motivo a elevar ainda mais o diferencial entre os preços interno e externo. O algodão tipo 5, por exemplo, desde o dia 29 de novembro tem subido sistematicamente cerca de Cr$ 2,00 por dia. A justificativa para esta elevação está na possibilidade do produtor conseguir melhores preços de venda internamente.

No plano doméstico, a notícia da saída das beneficiadoras de algodão em caroço provavelmente tornará máximo o preço mínimo. Sem outra alternativa, o produtor irá vender ao governo ao preço mínimo e este, por sua vez, deverá vender às multinacionais a preços abaixo dos praticados no mercado. Além disso, para que o cotonicultor consiga colocar seu produto em EGF a 100% do preço mínimo, essas empresas teriam que adquirir 70% da safra e beneficiar pelo menos 30%. Até agora os maquinistas só adquiriram 30 mil t das 400 mil t postas à venda pelos agricultores.

Em vista das dificuldades de comercialização (interna e externa), é bem provável que a área plantada com algodão para a próxima temporada (78/79), reduza-se em favor das culturas de soja e de milho, cujos preços relativos (algodão/soja ou milho) têm declinado nos últimos tempos. Assim sendo, nem as melhores facilidades de financiamento com que conta o algodão em relação às outras culturas, incentivarão o aumento de sua área plantada.

*** CAFÉ

No fim da primeira semana de dezembro o Brasil oficializou sua renúncia à política de valorização dos preços do café através da redução do preço mínimo de registro de exportação - 3,20 para 2,10 dólares por libra-peso. No entanto, esta posição

já se efetivara em meados de outubro quando se reiniciavam as exportações através dos chamados contratos especiais.

Há 2 meses, as cotações internacionais vinham se elevando em consequência do aumento do consumo do produto resultante da entrada do inverno no hemisfério norte. Ao se reduzir o preço de registro, as cotações do café aceleraram seu ritmo de crescimento.

É, no entanto, apenas aparente a contradição entre as novas medidas do IBC e a recente aceleração da elevação dos preços. Poder-se-ia pensar que nosso retorno ao mercado, que constitui uma elevação da oferta internacional, teria efeitos depressivos sobre preços. Não se pode esquecer, no entanto, que a retração da demanda visava somente prevenir um possível cartel de produtores. Contudo, com a redução do preço mínimo de registro de exportação, novamente os países consumidores retomaram suas compras normais, o que explica a recente aceleração da elevação de preços.

Quando da revisão do preço de registro, a cotação internacional do produto já atingia níveis em torno de 2,16 dólares por libra-peso. O estabelecimento do preço mínimo para exportação a US$ 2,10 constituiu um aumento do preço do café brasileiro, se comparado aos níveis a que se realizavam os contratos especiais. Mas, dados os preços vigentes no mercado, o novo nível estabelecido no Brasil não se constituiu em pressão altista sobre o mercado internacional.

Para o próximo ano, deve-se esperar que, durante os primeiros meses, os preços internacionais se mantenham relativamente estáveis, a níveis pouco superiores às atuais cotações. Em consonância com a tendência refletida pelos preços do mercado futuro, as cotações internacionais deverão gradativamente reduzir-se, como resultado da safra brasileira de 78, que deverá reconduzir a

oferta internacional a níveis pouco inferiores àqueles vigentes antes da geada de 75.

*** FEIJÃO

Embora não se descortinem perspectivas imediatas de escassez do produto, cujo abastecimento está garantido em duas frentes (entrada da safra e importações - mais 12.500 t de feijão preto negociadas em novembro e ainda por chegar), outros problemas que hoje cercam a cultura e a própria safra das águas de 77/78 nos chamam a atenção para seus desdobramentos a médio e longo prazos.

O possível estímulo dos elevados preços de mercado praticados em 76/77 teve seus reflexos sobre a intenção de plantio da corrente safra - a safra das águas do Paraná, por exemplo, sofreu uma expansão de área de 662.640 ha em 76/77 para 718.000 ha em 77/78, significando um aumento de 8,4%. No entanto, tais estímulos são obstados pela contínua queda de produtividade, decorrente da própria fragilidade da cultura às variações climáticas, pragas e doenças. Haja vista a atual safra paranaense que se vê ameaçada de quebra pelas recentes chuvas que incidem no norte do Estado, na fase da colheita, revertendo-se numa expectativa de produção inferior às 509.615 t obtidas na safra 76/77.

A área atingida é a de maior concentração de feijão de cores e de produção mais empresarial, voltada prioritariamente para a comercialização em outros Estados. Até o presente momento, nas regiões sul e sudeste do Paraná onde se concentra o feijão preto, a cultura está em boas condições, apesar de ainda sujeita a prejuízos, caso persistam as instabilidades climáticas até sua fase de colheita.

Por outro lado, a estrutura atomizada da cul-